Pesquisa
ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

DESENHOS ANIMADOS E PROGRAMAS INFANTIS A PARTIR DAS NARRATIVAS DE VIDA DE PROFESSORES: ENTRE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS

CARTOONS AND CHILDREN'S PROGRAMS BASED ON TEACHERS' LIFE NARRATIVES: BETWEEN EXPERIENCES AND LIFE STORIES

Yanael Aragão de Castro[1]
Sebastião Kennedy S. Soares[2]

Resumo: Esta pesquisa visou analisar os sentidos atribuídos por professores ao desenho animado e programas infantis em suas narrativas de vida, sob a perspectiva da abordagem da pesquisa (auto)biográfica em educação. Os participantes foram três docentes da região Norte do Brasil, especificamente de Manaus, Amazonas (AM). Para o embasamento teórico, foram utilizados os estudos de Carneiro (1999), Abrahão (2003), Ariès (1981), Sarmento (2004), Nóvoa e Finger (2010), Soares (2011), Sartori e Souza (2012), Souza e Meireles (2018), Rocha (2021), entre outros. Produziram-se os dados por meio da entrevista para demonstrar que as referidas atrações televisivas fazem parte das trajetórias de formação dos colaboradores da investigação. Além disso, os resultados obtidos sinalizaram a falta de reflexão de tais recursos nos cursos de licenciaturas, especialmente no que tange às potencialidades pedagógicas. Diante da experiência dos desenhos animados e programas infantis, identidades são construídas, saberes, produzidos, e interações, realizadas de fato.

Palavras-chave: Desenho animado; Programas infantis; Pesquisa (auto)biográfica; Narrativas.

Abstract: This research aimed to analyze the meanings attributed by teachers to cartoons and children's programs in their life narratives, under the perspective of (auto)biographical research approach in education. The participants were three teachers from the North region of Brazil, specifically from Manaus, Amazonas (AM). For the theoretical basis, studies by Carneiro (1999), Abrahão (2003), Ariès (1981), Sarmento (2004), Nóvoa and Finger (2010), Soares (2011), Sartori and Souza (2012), Souza and Meireles (2018), Rocha (2021), among others, were used. The data were produced through interviews to demonstrate that aforementioned television attractions are part of educational trajectories of the research collaborators. In addition, the results indicated the lack of reflection on such resources in undergraduate courses, especially regarding their pedagogical potential. Through the experience of cartoons and children's programs, identities are constructed, knowledge is produced, and interactions are actually carried out.

Keywords: Cartoons; Children's Programs; (Auto)biographical Research; Narratives.

1 Introdução

Ao longo da história, a concepção de infância tem se ampliado, sobretudo quando pensamos na criança como ser histórico e social que supera as limitações exclusivamente

[1] Graduação em Pedagogia com especialização, Universidade Federal do Tocantins (UFT). Secretária no Escritório Edson Rosas Advocacia, Manaus, Brasil. E-mail: yanaelcastro@gmail.com
[2] Doutor em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pós-Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor adjunto da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Docente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGED/UESB). E-mail: sebastiaosilva@uft.edu.br

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

biológicas do referido período. Isso ocorre porque a acepção de crianças apresenta uma perspectiva de sujeito ativo e carregado de saberes advindos das relações imersas no cenário social (Castro, 2010). Nesses termos, consideramos que a ideia do adulto em miniatura foi superada pelo ser em desenvolvimento, influenciado por circunstâncias socioculturais, e não apenas por fatores cronológicos (Ariès, 1981).

Complementarmente, a infância tem sido alterada em função do desenvolvimento econômico, geográfico e cultural da sociedade, além de aspectos individuais do público infantil; afinal, "os diferentes contextos estruturais impactam profundamente as crianças" (Sarmento, 2004, p. 10). Logo, não podemos afirmar que a identidade das crianças é única, pois aspectos socioculturais impactam no desenvolvimento do ser (Arroyo, 1994).

Por isso, torna-se fundamental buscar uma compreensão da realidade social e econômica da criança para analisar as dimensões construídas em torno da infância e da experiência[3] desse ser em cada contexto social, pois, no campo, ela não pode ser comparada àquela que vive na cidade. Nesse caso, a literatura aborda o termo "infâncias", e não apenas "infância", devido à pluralidade da formação desse público na relação espaço-tempo:

> Pensar a criança na história significa considerá-la como sujeito histórico, e isso exige compreender o que entendemos por sujeito histórico. Para tanto, é importante perceber que as crianças concretas, na sua materialidade, no seu nascer, viver ou morrer, expressam a inevitabilidade da história e nela se fazem presentes, em seus mais diferentes momentos (Kuhlmann Júnior, 1998, p. 31).

No estudo sobre a infância, precisamos adentrar não apenas nas características biológicas do desenvolvimento da criança, mas, principalmente, na realidade concreta onde se insere e nos sentidos construídos por ela. Assim sendo, salientamos que "interpretar as representações sociais das crianças pode ser não apenas um meio de acesso à infância como categoria social, mas também às próprias estruturas e dinâmicas sociais que se desocultam no discurso da criança" (Pinto; Sarmento, 1997, p. 25).

Devido a características de um ser social, histórico e cultural, formado por diversos saberes ressignificados a cada experiência de vida e das experiências de infância com os desenhos animados, surgiu o interesse em analisar a influência destes e dos programas infantis na trajetória de vida e prática profissional docente, principalmente valorizando nossas experiências com desenhos animados e programas infantis em nosso

[3] "A experiência é algo que (nos) acontece e que às vezes treme, ou vibra, algo que nos faz pensar" (Larrosa, 2019, p. 10).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

percurso formativo de vida e de trabalho. Vale ressaltar a infância como um movimento singular na elaboração da intersubjetividade na formação social (Müller; Hassen, 2009).

O estudo se justifica por haver um espaço relevante do desenho animado na sociedade atual. No entanto, é necessária uma compreensão do potencial educacional dessa atração televisiva, sem ser apenas uma influência negativa nos padrões de moral e valores da criança (Santana; Ferreira, 2015), bem como os programas infantis para a inserir em diversos desenhos animados na televisão.

Não pretendemos problematizar os impactos cognitivos ou sociais dos desenhos animados, como sinalizado pela literatura (De Vries; Zhan, 1998; Merlo-Flores, 1999; Cordelian; Gaian; Gomez, 1996), mas apreender, por meio de narrativas de vida, os sentidos atribuídos pelos docentes a essa atração televisiva em suas histórias de vida. Entendemos os desenhos como algo além de entretenimento, por fornecerem espaço de aprendizagem e desenvolvimento criativo (Bezerra, 2012), como sinalizam as narrativas dos colaboradores da pesquisa, ou seja, as memórias desvelam experiências da antena ao *streaming* (Schwarzinger, 2019).

Diante do exposto, objetivamos analisar os sentidos atribuídos pelos docentes acerca dos desenhos animados e programas infantis em suas trajetórias de vida e práticas profissionais. Sendo assim, o desenvolvimento deste estudo com base na pesquisa (auto)biográfica[4] e narrativas de vida é uma oportunidade singular para conhecermos e refletirmos acerca das experiências dos professores, principalmente quando abordamos a infância e a criança, com as respectivas reflexões e análises da inserção dos desenhos animados em suas práticas pedagógicas.

2 Os desenhos animados

Segundo Silva Júnior e Trevisol (2009), os desenhos animados se caracterizam como um conjunto de estímulos visuais, reflexivos de mensagens, auditivos e informações sobre contextos diferenciados, cuja diversidade apresenta diferentes formas para abarcar a visão de mundo formada pela criança. É uma forma relevante para quaisquer crianças se atentarem, pois, em sua maioria, possuem estímulos visuais que visam as fixar na tela por diversas horas.

[4] Os termos narrativas de vida, pesquisa (auto)biográfica, história de vida e pesquisa narrativa, embora apresentem especificidades próprias, são tratados neste estudo sem uma ênfase nas suas diferenciações, principalmente devido à limitação de espaço textual do artigo.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

Pougy (2005) salienta que a criança se relaciona com a TV da mesma maneira como acontece com os aspectos à sua volta. A televisão é um jogo simbólico, a exemplo das brincadeiras, e, pelo fato de se relacionar de forma íntima, questionamos acerca da influência televisiva, das possibilidades e dos desafios no âmbito da prática pedagógica. Assim, brevemente discorremos acerca da origem do desenho animado frente ao movimento de magia e encantamento vivenciado no imaginário das crianças. De acordo com Bezerra (2012), tal atração se iniciou na pré-história com os desenhos nas paredes das cavernas utilizados pelo homem na comunicação e, com o passar do tempo, se refinaram para se tornarem ferramentas comunicacionais aprimoradas.

Conforme a literatura, o desenho animado foi otimizado com evoluções tecnológicas e experimentos científicos. O termo "animação", conforme Barbosa Júnior (2005), se origina do verbo latino *animare* e significa "dar vida", o que ratifica o movimento dos desenhos no século XX. Inovações de Athanasius Kircher, matemático e físico, levaram à criação de um aparelho com lanterna, caixa e espelho curvo para haver a impressão de movimento ao colocar imagens em sequência por meio da lâmina de vidro.

Bezerra (2012, p. 1187) aponta também que nenhum artista havia se interessado pelos métodos de "animação", pois isso ocorreu somente em 1877, quando o pintor Émile Reynaud criou o praxinoscópio, uma das primeiras tentativas para animar imagens:

> Toda a técnica criada, unida ao pensamento artístico de Reynaud, deu origem ao teatro praxinoscópio, uma prévia do sucesso em que iriam se tornar as animações como arte de entretenimento. Em 1906, cerca de 10 anos depois da primeira exibição pública de cinema, um artista plástico inglês chamado James Stuart Blackton produziu o primeiro desenho animado, cujo título era Humorous Phases of Funny Faces.

Houve aprimoramentos após a primeira visão artística e científica da animação, cujos desenhos não apresentavam narrativas, apenas a movimentação sem contextos ou histórias, apesar das ações que buscavam contextualizar e dar narrativa a esse "desenho com vida". Bezerra (2012) afirma que Émile Cohl foi o primeiro a criar o desenho animado com uma proposta narrativa, denominado *Fantasmagorie*, em 1908. Na sequência, outros artistas começaram a desenvolver atrações do mesmo tipo e se dedicar à produção com estilos e formas diversificados.

Naquela conjuntura, "os desenhos animados começaram a ganhar expressividade no cenário mundial com o pioneirismo de Walt Disney, desde os anos 1930, através de longa-metragem de grande repercussão mundial" (Odinino, 2009, p. 104). Atualmente, o desenho animado obteve outras projeções nos aspectos de design, principalmente ao articular uma dimensão semiótica nas animações (Santaella, 2004).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

Assim, com o processo de desenvolvimento tecnológico e digital no tempo presente, "as produções de desenhos animados atuais são, em muitos casos, influenciadas diretamente por traços artísticos tradicionais ao mesmo tempo que se valem das explícitas vantagens oferecidas pelos suportes eletrônicos e digitais" (Santos, 2022, p. 17). Nesse processo, os desenhos animados aprimoraram a organização narrativa, a técnica e o enredo, além de outros elementos que compõem a narrativa semiótica do desenho animado, principalmente na contemporaneidade com processos criativos das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs).

3 O desenho animado na prática pedagógica

Inicialmente abordamos a criança conforme a percepção dos participantes em relação a desenho animado e programas infantis, isto é, o sentido atribuído desde o começo das trajetórias deles com o crescimento da popularidade da TV, dos *tablets* e celulares. De acordo com Benjamin (1996, p. 80), "nosso mundo é um mundo *sensorium e* os mais variados ambientes trazem novas tarefas para a nossa percepção".

O surgimento de sensibilidades deveria ampliar nossa percepção do sentido das mídias no tocante à formação cultural das crianças e pessoas, pois "os desenhos animados se configuram como importantes referências na formação sociocultural das crianças na medida em que participam de suas aprendizagens" (Sartori; Souza, 2012, p. 31). Para compreendermos tal relevância, devemos analisar a presença dos desenhos na vida do público infantil e o respectivo papel deles.

Nesse prisma, os autores afirmam que as narrativas encontradas nesses programas se tornam referências comuns entre as crianças em contextos de vida distintos, pois, os desenhos animados nutrem a imaginação delas, em que pretendem viver as "aventuras" dos personagens favoritos. Assim, reforçamos que não apenas a escola constrói conhecimentos, como também outros saberes que envolvem a dimensão social e as experiências no mundo (Sartori; Souza, 2012).

Diante disso, perguntamos: quais métodos poderiam ser destinados à utilização dos desenhos em sala de aula pelos professores? Consideramos, pois, que esse nível de ensino é entendido por meio das dimensões educativa e social com uma pedagogia que compreende a criança em seu contexto de vida, que percebe a infância constituinte da criança (Barbosa, 2006). Quando a visualizamos como sujeito ativo culturalmente e que interage com o mundo, sobretudo por meio das TDICs, notamos a origem de uma

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

experiência cultural/percepção de conhecimento, uma vez que as informações não se limitam ao ambiente escolar e aos livros:

> Esse conceito de conceito de ecossistema comunicativo se estende o entendimento de um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação e de suas tecnologias (Soares, 2011, p. 33).

De fato, o novo contexto educacional urge um novo olhar às diferentes realidades experienciadas, devido à necessidade do planejamento voltado à comunicação e ao diálogo entre as partes envolvidas no processo educativo:

> Uma vez no interior dessas instituições, esses elementos de desenhos animados são, muitas vezes, incorporados pelas crianças em suas brincadeiras. Brincando, as crianças interagem com seus pares, atribuem significados às suas vivências, constroem e reconstroem seus conhecimentos e perspectivas sociais e culturais, criam e recriam suas hipóteses, seus entendimentos, enfim, aprendem sobre as coisas do mundo. E cada uma tem seu próprio estilo, maneira de aprender. Com o desenvolvimento das análises, que se dará entre a articulação teórica e os dados empíricos da pesquisa, essas reflexões serão ampliadas e poderão servir de subsídios para que a comunidade escolar perceba a necessidade de se elevar em consideração os estilos de aprendizagem no desenvolvimento de práticas pedagógicas coerentes com a realidade midiática vivida pelas crianças, jovens e adultos contemporâneos (Sartori; Souza, 2012, p. 34).

Em 13 de julho de 1990, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – Lei n. 8.069 – se voltou à programação infantil nas programações da TV aberta, bem como à necessidade de educação nessas programações: "As emissoras de rádio e televisão somente exibirão, no horário recomendado para o público infanto-juvenil, programas com finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas" (Brasil, 1990, art. 76). Antes disso, foi oficializado o Decreto-Lei n. 236, de 28 de fevereiro de 1967, que tornava obrigatória a transmissão diária dos programas educativos pelas emissoras de televisão (Brasil, 1967; Carneiro, 1999).

Todavia, o formato inicial não atraía as crianças, visto que os programas rememoravam a sala de aula. Com a negação do público-alvo e a busca por outros programas, elas não assistiam a essas iniciativas educativas e "aprendiam com a programação sem intenção educativa" (Carneiro, 1999, p. 30). A autora também indaga, *in verbis*:

> Se a criança aprende com programas que priorizam a diversão, por que os programas educativos não podem ser divertidos? Por que não fazê-los divertidos? Por que não usar essa atração para atender as necessidades cognitivas e emocionais da criança? Por que não usar essa atração para promover uma aproximação entre a criança e os conhecimentos escolares? Por que não abrir a concepção de programa pedagógico para o mundo da referência da cultura popular de massa, incorporando subjetividades, ambiguidades, desejos e emoções do público infantil? (Carneiro, 1999, p. 31).

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

Sob esse viés, há resultados negativos dos desenhos e programas infantis com intenções educacionais, pois, para as crianças, eles passam de algo divertido e lúdico para uma forma diferente de aula, sem fazer parte daquilo que as atrai e se transforma em outra tarefa cotidiana. Carneiro (1999) narra que os programas com o formato "educativo" não chamavam a atenção do público infantil, intolerante à proposta de assisti-los em suas casas, mas aprendia com atrações sem intenção educacional.

Dessa maneira, o desenho animado assumiu diversos significados, principalmente no tocante a aspectos teóricos, sociais e culturais; todavia, pelo desenho animado, linguagens são criadas, e histórias, narradas para haver a formação cultural das crianças. Portanto, devemos refletir sobre usos e sentidos dos desenhos animados na vida das crianças, particularmente quando pensamos a infância como fator social e histórico (Sarmento, 2004).

Somado a isso, perguntamos: como a escola e os professores têm se apropriado das linguagens dos desenhos animados na formação crítica e criativa dos estudantes? Tal questão pode ser prontamente respondida nos objetivos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), por oportunizarem à criança a exploração de diversas linguagens semióticas: "na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia" (Brasil, 2018, p. 38). A seguir, apresentamos o percurso metodológico do presente estudo.

4 Metodologia da pesquisa

Na realização do estudo, empregamos a abordagem da pesquisa (auto)biográfica, cuja característica precípua evidencia as experiências e emoções dos participantes. Tal perspectiva permite a ressignificação da identidade pessoal e profissional dos colaboradores, ou seja, um conhecimento de si e do outro a partir de determinado tema em estudo (Abrahão, 2003).

Para Soares (2019a), a metodologia da pesquisa (auto)biográfica valoriza os processos de vida e a formação dos sujeitos, processos que foram negligenciados ou omitidos em outros campos das ciências mais tradicionais. Nóvoa e Finger (2010) explicam que essa metodologia permite ir mais além na investigação e compreensão dos processos de formação e, sobretudo, dos subprocessos que o compõem. Sobre o assunto, Abrahão (2003, p. 80) sublinha que:

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

> Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador conscientemente adota uma tradição em pesquisa que reconhece ser a realidade social multifacetária, socialmente construída por seres humanos que vivenciam a experiência de modo holístico e integrado, em que as pessoas estão em constante processo de autoconhecimento.

Reafirmamos a importância dessa perspectiva como processo autoformativo para os docentes buscarem, no exercício das memórias, suas experiências e vivências como elemento significativo de conhecimento de si e revisão/avaliação das práticas pedagógicas construídas na relação tempo-espaço (Souza, 2006). A propósito, os colaboradores da pesquisa contemplam três professores de Manaus, Amazonas (AM), no que tange a metodologias de ensino e prática pedagógica.

Assim, os professores selecionados do estudo advêm do retorno da primeira autora à própria terra natal durante a suspensão do calendário acadêmico na Universidade Federal do Tocantins (UFT) durante o período da pandemia de *Coronavirus Disease 2019* (Doença do Novo Coronavírus 2019 – COVID-19) e seu vínculo de interação com os participantes para o estudo, atrelado também ao conhecimento elevado do contexto social e educacional da região e experiências dos autores do estudo com desenhos animados e programas infantis ainda na fase adulta.

Nesse ínterim, acreditamos na relevância da contextualização regional para situar o leitor do artigo. A cidade de Manaus, Amazonas, encontra-se no Norte do país e, segundo Soares (2019b), apresenta maior extensão quando comparada às outras macrorregiões (Norte, Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste). De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 2018 contava com uma estimativa populacional de 4.080.611 habitantes. Em relação ao clima e à vegetação, Soares (2019b) destaca a maior floresta equatorial do mundo, que ocupa 61% do território brasileiro, cuja fauna abriga aproximadamente 80% das espécies do Brasil e 10% a 20% da flora e dos vegetais do planeta. É também um território com a maioria dos povos originários que buscam preservar a fauna e a flora para obter direitos pelas próprias terras (Mota, 2008).

Os dados foram produzidos por meio de entrevista no ano de 2022, com um roteiro prévio para apreender elementos das trajetórias de vida, o convívio social familiar, os percursos escolares e acadêmicos, bem como os itinerários profissionais (Souza; Meireles, 2018). Com isso, visamos conhecer aspectos da trajetória pessoal, escolar, acadêmica e profissional de tais colaboradores, com foco na relação estabelecida com os desenhos animados ao longo da vida.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

Depois das entrevistas, transcrevemos os áudios e desenvolvemos a textualização das narrativas com a triangulação dos dados por meio de uma leitura interpretativo-compreensiva de natureza qualitativa. A análise do estudo foi organizada com base nos eixos prévios, sob a dimensão qualitativa e os sentidos atribuídos pelos professores. Vale ressaltar que a investigação foi desenvolvida com base nos princípios da pesquisa com seres humanos e estudos narrativos de vida (Passeggi, 2023), em que o resultado se origina de um projeto maior que busca investigar narrativas de vida de professores na região Norte do Brasil promovido pela UFT – *Campus* Arraias.

Com o intuito de preservar a identidade dos colaboradores e respeitar os princípios éticos da pesquisa com seres humanos, empregamos pseudônimos na identificação dos docentes, com base nos personagens dos desenhos infantis assistidos pelos colaboradores – professores Docinho, Luna e Digimon. Todos são naturais do referido município, possuem de 24 a 32 anos de idade e atuam na área da educação há pelo menos um ano, ou seja, estão no início da carreira (Garcia, 2010). Assim, o processo de análise das narrativas foi organizado conforme os eixos/sentidos atribuídos por eles acerca dos desenhos animados e programas infantis em suas narrativas de vida.

5 As narrativas

Nesta seção são apresentadas as narrativas de vidas dos três professores participantes da pesquisa. *A priori*, refletimos sobre infância, experiências e vivências dos desenhos animados nos percursos escolares e acadêmico; *a posteriori*, analisamos o uso dos desenhos animados no contexto da prática pedagógica dos professores entrevistados.

Acerca da infância, duas professoras indicaram lembranças positivas do período:

> Minha infância foi marcada por várias fases, principalmente porque sempre fui uma criança muito comunicativa; então, tive a presença de brincar na rua de me ralar [...] também amava assistir desenho, jogar videogame [...]. Sempre fui bastante comunicativa e expressiva; por conta disso, da minha realidade social, sempre estava ao lado de crianças (Entrevistada professora Docinho, 2022).

> Costumo dizer que minha infância foi incrível, tive muito contato com outras crianças, até porque onde moro, atualmente, é a mesma casa da minha infância; então, tive a oportunidade de brincar na rua de ter experiências com brincadeiras tradicionais. Minha infância foi um grande marco na minha história de vida porque, quando lembro de algo bom, lembro dessa parte da minha trajetória. Enxergo que ela foi primordial para o meu processo como pessoa, pelo fato de ter experiências com crianças de brincar na rua, e os meus pais me oportunizaram tudo isso (Entrevistada professora Luna, 2022).

Ambas narraram experiências positivas na infância, em virtude das brincadeiras e da interação com outras crianças. Elas citaram a temática do nosso estudo, relativa ao

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

desenho animado e aos programas infantis, mas também narraram outras atividades como jogar videogame ou brincar na rua.

O professor Digimon relata uma realidade diferente das duas entrevistadas, ao afirmar que os pais não estavam presentes na infância, em razão dos horários de trabalho, e eles possuíam um convívio social limitado. É interessante enfatizar a descrição sobre o elemento "televisão" naquele período, em que a denomina como "babá eletrônica", pois, na ausência dos pais, ele e a irmã tinham tal aparelho como elemento de recreação e "cuidado".

Diferentemente das referidas docentes, o professor falou da TV e dos programas transmitidos, como a representação de uma pessoa que cuidou dele e esteve presente naquela época. Ele a chamou, inclusive, de "janela do mundo", pois percebia, na TV e nos programas assistidos, uma forma de conhecer o mundo limitada às ruas e aos vizinhos vistos pela janela "literal" de sua casa. Como sintetizam Pereira e Peruzzo (2020, p. 9):

> Ao assistir a desenhos animados, a criança internaliza as imagens sonoras e visuais das animações, dramatiza e imita, somando-as às suas experiências pregressas tidas em outros cenários sociais e tão logo constituindo suas futuras ações, principalmente as de fala. Enquanto assiste, ela brinca com as imagens e os sons, nutre-se e configura suas ações linguísticas, pois se pensa com palavras.

Nesse ponto, os professores comentaram que assistiam a desenhos e programas de TV e, quando perguntados sobre o desenho marcante, obtivemos estas respostas:

> Nossa! Tem, com certeza, as Meninas Superpoderosas... Inclusive, meu aniversário de 24 anos agora foi com a temática [...]. Até hoje, tem essa memória [...] que se faz presente até hoje na minha vida depois de mais velha [...], Quando via a oscilação da Docinho, pensava: "meu Deus, me identifico tanto com ela!", principalmente quando ela está com raiva... E pensar que cada uma tem particularidades minhas, só que elas são três separadas, né? Cada uma delas tem uma personalidade; então, lembro bastante da abertura, que é justamente quando ele está criando a fórmula e elas nascem; acho essa parte muito legal, é uma que sempre lembro (Entrevistada professora Docinho, 2022).

> Enxergo que, na minha infância, a gente consegue ver um paralelo com atualmente [...], lembro muito de ter a experiência de assistir a desenhos infantis na TV aberta e, principalmente, na TV Cultura, que era um canal em que tinha uma programação específica para o público infantil. Especificamente nesse canal, gostava muito de castelo Rá-Tim-Bum, de Pequeno Urso, de Cocoricó... Então, quando lembro da minha infância, lembro muito desses três desenhos e programas infantis (Entrevistada professora Luna, 2022).

> [...] nunca penso em um desenho específico porque assisti a muitos, inclusive na TV Cultura, mas eles nunca me pegaram, mas, minha irmã, sim – a diferença de idade para minha irmã é de [...] um ano e seis meses, na verdade. Ah, ela insistia muito desenho, principalmente da TV Cultura, em que ela assistia Rupert e eu assistia por tabela, né? Sempre estava com ela e assistia. Mas, não era algo que me pegava; tinha o Pequeno Urso, tinha o Caylo, que ela sempre gostava, e um monte de coisa lá, né? Eu gostava de desenho, de desenho

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

> mesmo... Comecei a me ligar mesmo com Digimon, no programa da Angélica que passava na Globo; é o primeiro desenho que lembro de acompanhar e dizer: "poxa, eu gosto disso daqui" [...] (Entrevistado professor Digimon, 2022).

Como visto, o professor Digimon reforça que a memória mais marcante demonstra a TV como sua babá, e a apresentadora Xuxa era uma "professora" para ele, pois, nos programas como os dessa apresentadora, Angélica e Eliana – denominadas como "as loiras da TV" por ele –, eram transmitidos os desenhos em que ele aprendia as coisas. Isso nos leva a debater os conteúdos veiculados pelas referidas atrações televisivas a crianças e adolescentes, seja de maneira crítica ou não, principalmente quando não ocorre a mediação do adulto no processo formativo, a exemplo dos pais. Esse ponto é ressaltado também nos estudos de Fernandes e Oswald (2005), quando mencionam a relação das crianças com os desenhos animados, sobretudo quando estão longe da presença dos adultos. Sobre os conhecimentos transmitidos pelos programas infantis, a professora Luna relembra o programa Castelo Rá-Tim-Bum, no qual os personagens os ensinavam a fazer algumas experiências:

> Pelo fato de ter muito contato com essa programação específica, enxergava muitos valores que os meus pais me deram, de respeito, confiança, de aguçar minha curiosidade para algo bom, principalmente até a minha formação como pedagoga, enxergo que aguçar a curiosidade da criança faz parte desse processo; então, realmente teve muita influência, até na minha escolha profissional (Entrevistada professora Luna, 2022).

Assim como o docente informa que a TV era a "janela para o mundo", tal professora cita o programa como forma de aguçar sua curiosidade, algo relevante até os dias atuais em sua formação, como reiteram Pereira e Peruzzo (2020, p. 10):

> Na medida em que a criança tem contato com o mundo externo de modo ativo e crítico, independentemente de sua idade, os fatores circundantes se inserem como vivências e/ou experiências em sua vida e são consolidadas como conhecimento, memórias e/ou imagens, sejam elas visuais, sonoras, táteis etc., constituindo seu arcabouço imagético e seus saberes.

Torna-se relevante enfatizar a mediação do adulto nesse processo, uma vez que a criança incorpora as aprendizagens construídas ao assistir os desenhos animados. Ela adentra no espaço da educação formativo:

> [...] brincando, as crianças interagem com seus pares, atribuem significados às suas vivências, constroem e reconstroem seus conhecimentos e perspectivas sociais e culturais, criam e recriam suas hipóteses, seus entendimentos, enfim, aprendem sobre as coisas do mundo (Sartori; Souza, 2012, p. 34).

No que tange à trajetória escolar, os colaboradores mencionaram o percurso escolar no ensino público, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. As narrativas foram permeadas por lembranças dos períodos de escolarização,

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

presença constante nos estudos com (auto)biografia: “essa unicidade do tempo narrado pode ser detectada em diversas narrativas autobiográficas, tanto no que respeita a reconstruções e ressignificações” (Abrahão, 2003, p. 85).

A professora Docinho recorda um método tradicional vivenciado na escolarização, principalmente a questão de decorar conteúdo e as aulas expositivas. Luna comentou mais uma vez sobre os valores e citou a memória afetiva de uma docente marcante na infância e que influenciou na escolha da profissão. Por seu turno, Digimon nos sinalizou uma lembrança pautada na importância do ensino e da escola frequentada no contexto social vivido – para ele, era mais do que somente um lugar para aprender, pois compreenderia o local onde seriam “salvos” pela educação.

Nesse percurso da pesquisa, perguntamos se possuem recordações sobre o uso do desenho animado durante as trajetórias escolares deles, como exemplificado por Docinho, em se tratando do Ensino Fundamental II, mais especificamente no 9º ano. Segundo ela, o desenho era utilizado pelo professor de Educação Física como forma de “familiarizar” os alunos com as diferentes partes do corpo humano a serem trabalhadas em sala de aula.

Nesse sentido, Bezerra (2012, p. 1185) aponta que “os desenhos são recursos audiovisuais fantásticos que resgatam de uma maneira lúdica as contações de histórias de antigamente”. Por sua vez, Luna comenta tal presença na Educação Infantil com um momento escolar significativo proporcionado pela professora, pois a gestora da escola e outros se vestiram como os personagens do desenho. Além dessa memória, a participante deste estudo comenta que a professora ouvia os alunos com frequência e trabalhava com os gostos deles:

> [...] lembro que ela era uma professora que nos escutava, principalmente no momento de roda de conversa; então, trazia algumas atividades de acordo também com os nossos gostos. Lembro de ela trazer sobre a Pequena Sereia, sobre a Branca de Neve, sobre o Patinho Feio, algumas histórias infantis ou desenhos animados para as atividades com os alunos, e isso contribuía com o processo de aprendizagem (Entrevistada professora Luna, 2022).

Evidentemente, a memória do desenho animado em sala ficou marcado nas falas dos colaboradores como marcas formativas (Soares; Guimarães, 2021c). A professora Luna se recorda desse uso não somente como recurso de recreação, mas como um aspecto que contribuía com o processo de aprendizagem, por ser “próximo” das crianças, como legitimado pelo professor Digimon:

> No Ensino Médio, quando o professor de Matemática na época trouxe junto com o professor de Filosofia, a gente tinha um projeto na escola, que era de Matemática e Filosofia, sobre a lógica matemática no projeto, e isso no 1º ano. Eles apresentavam conceitos filosóficos integrados à Matemática e conceitos matemáticos integrados à Filosofia; aí, lembro de a gente usar como parâmetro

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

> inicial de conversa, não sei se é um episódio ou só um filme pequeno – nunca pesquisei sobre isso, mas é um vídeo muito clássico chamado "Pato Donald no mundo da Matemática" [...]. Era um vídeo bem grande, acho que uns 15, 20 minutos, não sei, mostrando como a Matemática estava inserida em várias coisas – na música, no teatro, na literatura... Então, ele perpassava a Matemática em outros espaços; era como a Alice no País das Maravilhas, só que era o Pato Donald no mundo da Matemática. Então, tudo que acontecia com a Alice ali no filme acontecia com o Pato Donald (Entrevistado professor Digimon, 2022).

O professor alega um exemplo sobre o uso do desenho na etapa escolar do Ensino Médio, com a intenção de demonstrar diferentes contextos da Matemática para indicar um "mundo novo" e diferente, parecido com outro desenho/filme bastante conhecido ("Alice no País das Maravilhas"). Complementarmente:

> A turma sempre foi muito boa em fazer cálculo e tudo mais, mas a gente tinha muito problema com a interpretação de problemas, essas coisas... Aí, quando a gente assistiu ao filme, pelo menos lembro muito de pensar assim: "poxa, a Matemática não é só um número, ela tem um tem um uso, ela tem uma explicação sobre porque ela aconteceu; tem o motivo da pessoa ter pensado nisso. Ela não ficou olhando para o nada e veio na cabeça dela" (Entrevistado professor Digimon, 2022).

Pelas narrativas dos docentes, notamos que a experiência com o desenho foi marcante para ampliar perspectivas e conhecimentos dos alunos a respeito do assunto, ou seja, "o desenho animado como ferramenta educativa contribui para o crescente uso de diferentes modalidades de linguagens disponíveis e que podem favorecer a atividade didático-pedagógica" (Barros; Silva, 2016, p. 3). Refletimos, pois, sobre a transformação advinda dos desenhos para os docentes, o que demonstra o potencial dessa ferramenta em ultrapassar as barreiras da sala de aula.

6 Os desenhos animados na trajetória escolar e acadêmica

No aspecto acadêmico, perguntamos aos docentes sobre a trajetória na universidade e o contato com o desenho durante essa etapa formativa:

> Teve a professora de linguística que falava que era bastante legal a gente usar recursos animados nas nossas aulas porque, para não ficar só no texto, as crianças precisam justamente desse olhar do desenho e tudo mais em psicomotricidade. Também, a criança [deve] fazer o jogo da imitação através dos desenhos e [precisamos] pegar a realidade em que está inserida (Entrevistada professora Docinho, 2022).

Durante os relatos, outra entrevistada recorda sugestões dadas por uma docente sobre o uso do desenho animado, mas não compartilha nenhuma experiência de aprofundamento sobre tal recurso implementado em sala de aula:

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

> Tivemos algumas leituras, mas, muito rasas. Lembro que falamos da importância dos desenhos animados, das atividades e brincadeiras, mas, principalmente do desenho animado, foi bastante raso. Foram somente leituras que fizemos. Creio que, pelo fato de o desenho animado ser um programa lúdico, é importante nesse processo de ensino-aprendizagem da criança e, quando utilizado como norteador pelos documentos oficiais, ele possibilita essa aprendizagem mais significativa, porque a criança é muito visual. Então, se os professores trabalhassem esses desenhos da atividade da Educação Infantil, vejo que a gente teria uma aprendizagem mais significativa (Entrevistada professora Luna, 2022).

Nesse ponto, Luna e Docinho não aprofundaram nos métodos pedagógicos relativos ao desenho animado, mas acrescentam a relevância de tal recurso norteado pelos documentos oficiais, pois, na visão da primeira, há a possibilidade de uma aprendizagem significativa. Em relação ao professor Digimon, ele aponta diversas situações durante a licenciatura em Matemática:

> Saí da graduação com quase 600 horas a mais do que era necessário porque fui fazendo tudo que me aparecia na cabeça e que dava para encaixar na minha na minha grade, né? Colocava lá, mesmo que achasse que não ia conseguir aprender. Então, fiz muita coisa... Tinha didática geral na graduação em Matemática, mas, fiz Didática 1, Didática 2, fui fazer Filosofia do Trabalho, Sociologia da Educação, Filosofia da Educação, História da Educação... Fiz um monte de coisa que não tinha na minha grade, para compreender como sairia como professor, mas saí teórico, né? Saí com um monte de teoria educacional na cabeça e não tinha aplicabilidade nenhuma, porque os estágios da graduação de Matemática não fundamentavam isso. Não tinha regência, não entrevistava o professor quanto às teorias pedagógicas dele e tal, qual era o que ele aplicava na sala de aula, qual era o método de avaliação... Então, eu saí tudo na teoria, eu saí com um monte de teoria na cabeça sem saber o que aplicar quando trabalhasse; então, sempre faço essa crítica à minha formação (Entrevistado professor Digimon, 2022).

Nas narrativas apresentadas, os colaboradores indicaram a falta de aprofundamento sobre o uso do desenho animado na formação docente. Nesse caso, o professor precisou buscar uma forma de aprender em outros cursos e disciplinas, a fim de se especializar nos conhecimentos didáticos. Por um lado, faltam metodologias atinentes aos desenhos animados nos cursos de graduação, em particular nas licenciaturas; por outro, há carência de políticas formativas para incorporar o desenho como recurso educativo, como defende a Teoria da Educomunicação:

> [...] conjunto de ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e a fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, assim como a melhorar o coeficiente comunicativo das ações educativas, incluindo as relacionadas ao uso dos recursos de informação no processo de aprendizagem (Soares, 2002, p. 24 *apud* Souza; Sartori, 2013, p. 953).

Subsequentemente, discorremos sobre as narrativas dos entrevistados no que concerne aos desenhos animados na esfera docente.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

7 Os desenhos animados no contexto profissional

Na prática docente voltada ao desenho animado e aos programas infantis, Docinho salienta o uso de atrações conhecidas, como Turma da Mônica e outras nas aulas de religião e em avaliações:

> Sobre usar o desenho, acho uma realidade muito inovadora porque consigo sentir meu aluno perto de mim, e a gente faz uma psicologia sobre tudo que aquela criança está querendo passar naquele desenho. Então, amo esse universo de desenho, justamente porque desperta a criatividade e estimula sua percepção no mundo, porque o desenho faz com que a criança esteja criando novas memórias na cabeça dela, assimilando coisas novas, tendo sensações diferentes. Então, acho muito legal o desenho porque trabalha essa questão cognitiva da criança, de adquirir novas memórias e se expressar através do papel (Entrevistada professora Docinho, 2022).

É notável que a docente percebe oportunidades positivas nos desenhos animados, que envolvem o trabalho com a criatividade, as memórias e a percepção de mundo, pois "ajudam as crianças a verem seus equívocos sobre o assunto e os ajudam a desenvolver novos conhecimentos" (Rocha, 2021, p. 78). Tal aspecto é corroborado neste excerto:

> Gosto muito de um desenho animado que é o show da Luna. Aquele desenho proporciona para a criança a utilização de materiais de dentro de casa, aguça a questão científica nela, a curiosidade... Então, já utilizei, por exemplo, o desenho animado do Nemo para falar sobre deficiência e, em um dado momento, a questão também de socialização, alguns contatos infantis e dos alunos especificamente. Isso proporciona a várias etapas, desde a creche até as outras modalidades da educação, um bom desenvolvimento das atividades; então, é uma grande referência (Entrevistada professora Luna, 2022).

Desse modo, alguns elementos são relevantes em tais produções, como o Show da Luna mencionado por ela, em que aborda temas baseados em curiosidades infantis e, por meio das investigações de duas crianças – Luna e Júpiter, seu irmão –, sanam as dúvidas. Mas, para trabalhar com o desenho, não se deve apenas transmiti-lo, devido à necessidade de estudo, planejamento e conhecimento aprofundado sobre o recurso pedagógico no processo educacional.

Ainda a respeito sobre a abordagem do desenho animado ou dos programas infantis em sala de aula, encontramos limitações dos membros da escola que, ao visualizarem tais recursos, não os consideram sob o viés educativo ou de uma ferramenta pedagógica. Além disso, não veem sentido em utilizá-los em sala de aula e criam obstáculos àqueles que pretendem implementá-los na prática docente com argumentos e indagações, como narrado pelo professor Digimon.

Nesse caso ele elaborou, juntamente à professora da disciplina de Artes, um projeto que envolvia Arte e Matemática e outro sobre cinema, em que levou os alunos

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

para assistirem desenhos como “Red: crescer é uma fera”, “Luca”, entre outros para demonstrar a significância dessas ferramentas e o entendimento sobre as mensagens transmitidas. Afinal, é um recurso pedagógico enriquecedor, mas que precisa ultrapassar “barreiras” para atingir seu potencial de auxílio aos professores, seja na Educação Infantil ou em outras áreas e níveis educacionais. Nesse caso, diversos estudos têm buscado a valorização do desenho animado como objetos de aprendizagens, principalmente no campo das ciências e tecnologias como os trabalhos de Raposo (2020), Machado (2021) e Bento (2022).

Defendemos que os educadores precisam observar “as interpretações que as crianças podem fazer, suscitando nelas os questionamentos e mediações” (Rocha, 2021, p. 66) sobre o desenho como recurso de ensino-aprendizagem. Com base nas narrativas, analisamos que os professores entraram em contato com desenhos animados e/ou programas infantis em suas vidas pessoais e profissionais que, além de marcantes, na maioria das vezes, representaram recursos de aprendizado, mudança ou divertimento para eles; logo, vão além de uma prática cotidiana da infância e reverberam como memórias e experiências, dado que “as histórias vividas e contadas pelos sujeitos permitem que os narradores (re)signifiquem o próprio percurso existencial” (Souza; Meireles, 2018, p. 291).

8 Considerações finais

O objetivo desta pesquisa foi analisar os sentidos atribuídos pelos professores aos desenhos animados e programas infantis em suas trajetórias de vida e práticas profissionais, ao ouvirmos suas histórias, trajetórias e opiniões. Em um momento no qual a sociedade tem avançado tecnologicamente, tais recursos se encontram acessíveis, mas foi necessário verificar suas diferentes formas de abordagem.

Nesse entremeio, os professores entrevistados foram impactados com os desenhos e/ou programas infantis como referência na vida profissional. Mesmo que os relatos tenham abarcado momentos isolados, a narrativa foi carregada de nostalgia e sentimentos dos narradores. Realmente é desafiadora a criação de uma proximidade para entender o aluno, mas, no desenho animado, conseguimos trabalhar de forma lúdica, elemento imprescindível da formação humana. Nesse ângulo, averiguamos as narrativas e trajetórias dos professores como processo ético e afetivo, pois trabalhar com relatos de

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

vida requer cuidado e escuta sensível; por conseguinte, respeitamos as histórias compartilhadas e exploramos a riqueza delas no presente escrito.

Reafirmamos a importância desta pesquisa e da influência dela no futuro profissional, pois ouvir histórias e experiências de pessoas que trabalham e conseguem adaptar e se conectar com os alunos via desenhos e programas infantis denota a sensação de curiosidade e vontade de tentar e explorar a ferramenta notabilizada neste estudo. Afinal, o desenho faz parte da vida dos pesquisadores e sempre nos levou a buscar aspectos relevantes nos âmbitos profissional e pessoal.

Destarte, os desenhos animados e programas se comunicam com as crianças e os adultos com uma forma interessante de se conectar, exemplificar algo, entender e chamar a atenção. Não há um caráter meramente de transmissão de conteúdo e/ou, tampouco, um formato de aula, mas pode direcionar os professores a assuntos (re)conhecidos pelos estudantes, ou seja, pela experiência do desenho animado, identidades são construídas, saberes, produzidos, e interações, realizadas de fato. Frente a isso, deixamos o convite para novos estudos sobre a temática, ao abarcarem experiências e vivências sobre o desenho animado na relação espaço-tempo com base em narrativas de vida de professores e alunos.

Referências

ABRAHÃO, M. H. M. B. Memória, narrativas e pesquisa autobiográfica. **História da Educação**, Porto Alegre, v. 7, n. 14, p. 79-95, 2003. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/index.php/asphe/article/view/30223. Acesso em: 11 mai. 2024.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

ARROYO, M. G. A construção social da infância. In: ARROYO, Miguel González (org.). **Infância na ciranda da educação**: uma política pedagógica para zero a seis anos. Belo Horizonte: Cape, 1994. p. 11-17.

BARBOSA JÚNIOR, A. L. **Arte da animação técnica e estética através da História**. 2. ed. São Paulo: Senac, 2005.

BARBOSA, M. C. S. **Por amor e por força**: rotinas na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BARROS, J. M.; SILVA, A. S. da. Desenhos animados: uso de imagens como ferramenta para o ensino da geografia a partir da Educação Infantil. *In:* CONGRESSO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, 18., 2016, São Luís. **Anais...** São Luís: UFMA, 2016. p. 1-11. Disponível em: https://www.eng2016.agb.org.br/resources/anais/7/1468272426_ARQUIVO_Documento01.pdf. Acesso em: 17 dez. 2024.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**: a educação é a base. Brasília: MEC, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/. Acesso em: 18 nov. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm. Acesso em: 18 dez. 2024.

BRASIL. Presidência da República. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto-Lei n. 236, de 28 de fevereiro de 1967. Complementa e modifica a Lei n. 4.117 de 27 de agosto de 1962. **Diário Oficial da União**, Brasília, 9 mar. 1967. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del0236.htm. Acesso em: 30 nov. 2024.

BENJAMIN, W. **Obras escolhidas**. Tradução de Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. v. 1.

BENTO, D. S. **Ensino de ciências e desenhos animados**: uma análise do Show da Luna. 2022. 90f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/60831. Acesso em: 12 set. 2024.

BEZERRA, L. R. História do desenho animado e sua influência na formação infantil. In: ENCONTRO CEARENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 11.; Encontro Nacional do Núcleo de história e memória da educação, 1., 2012, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza: Imprece, 2012. p. 1182-1195. Disponível em: http://repositorio.ufc.br/handle/riufc/24841. Acesso em: 12 set. 2024.

CARNEIRO, V. L. Q. Programas educativos na TV: conteúdo pedagógico adequado à narrativa televisual e à fantasia, para uma programação infantil divertida e inteligente. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 15, p. 29-34, 1999. Disponível em: https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/36860. Acesso em: 25 out. 2024. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i15p29-34

CORDELIAN, W.; GAITAN, J. A.; GOMEZ, G. O. A televisão e as crianças. **Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 7, p. 45-55, 1996. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36264. Acesso em: 5 jan. 2025. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v0i7p45-55

CASTRO, M. B. de. Noção de criança e infância: diálogos, reflexões, interlocuções. In: SEMINÁRIO DO CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 16., Rio de Janeiro, 2010. **Anais...** Rio de Janeiro: UFF, 2010. Disponível em: https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem13pdf/sm13ss04_02.pdf. Acesso em: 25 out. 2024.

DE VRIES, R.; ZHAN, B. **A ética na Educação Infantil**: o ambiente sócio-moral na escola. Tradução de Dayse Batista. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

FERNANDES, A. H.; OSWALD, M. L. B. M. A recepção dos desenhos animados da TV e as relações entre a criança e o adulto: desencontros e encontros. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 25, n. 65, p. 25-41, 2005. DOI: https://doi.org/10.1590/S0101-32622005000100003.

GARCIA, C. M. O professor iniciante, a prática pedagógica e o sentido da experiência. **Formação Docente**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 11-49, ago./dez. 2010. Disponível em: https://revformacaodocente.com.br/index.php/rbpfp/article/view/17. Acesso em: 10 jun. 2024.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/. Acesso em: 17 maio 2025.

KUHLMANN JÚNIOR, M. **Infância e Educação Infantil**: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.

LARROSA, J. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução de Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MACHADO, C. J. **As inter-relações entre ciência, tecnologia e sociedade nos desenhos animados**: uma alternativa para o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental. 2021. 377f. Tese (Doutorado em Ciência e Tecnologia) – Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Ponta Grossa, 2021. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/25600. Acesso em: 10 jan, 2025.

MERLO-FLORES, T. Por que assistimos à violência na televisão? In: CARLSSON, U.; VON FEILITZEN, C. (org.). **A criança e a violência na mídia**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 1999.

MOTA, V. S. **Espaços públicos de lazer em Manaus**: o papel das políticas públicas. Manaus: Valer, 2008.

MÜLLER, F.; HASSEN, M. de N. A. A infância pesquisada. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 20, n. 3, p. 465-480, 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusp/a/7GwJ7wsWFRB68NK3npKmZDt/abstract/?lang=pt. Acesso em: 5 dez. 2024. DOI: https://doi.org/10.1590/S0103-65642009000300009

NÓVOA, A.; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

ODININO, J. d. P. Q. **Super-heroínas em imagem e ação**: gênero, animação e imaginação infantil no cenário da globalização das culturas. 2009. 321f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/92818. Acesso em: 30 nov. 2024.

PASSEGGI, M. da C. A ética na pesquisa com narrativas de vida em educação. *In:* ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2023. v. 3. Disponível em: https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/3Etica-e-Pesquisa-em-Educacao_Volume-3_2023-1.pdf. Acesso em: 17 maio 2025.

PEREIRA, I. dos S. P.; PERUZZO, C. K. O corpo brincante, o brinquedo corpo que fala: desenhos animados, comunicação e imaginário no desenvolvimento infantil. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ano 25, n. 1, p. 7-17, jan./jun. 2020. Disponível em: https://revistas.usp.br/comueduc/article/view/160933. Acesso em: 16 jun. 2024. DOI: https://doi.org/10.11606/issn.2316-9125.v25i1p7-17

PINTO, M.; SARMENTO, M. J. **As crianças**: contextos e identidades. Braga: Centro de Estudos da Infância da Universidade do Minho, 1997.

POUGY, E. G. P. A televisão e a criança. **Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 1-2, 2005. Disponível em: https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/2/1/-a-televisatildeo-e-a-crianccedila. Acesso em: 20 jan. 2024.

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

RAPOSO, A. S. da S. **Investigação científica em desenhos animados e em aulas de Ciências do primeiro ano do Ensino Fundamental**. 2020. 153f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Física) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/81/81131/tde-27102020-190403. Acesso em: 10 fev. 2024.

.

ROCHA, A. S. M. de S. **Educação Infantil, cultura visual e subjetividade**: desenhos animados na formação de valores multiculturais. 190f. 2021. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/2fe73a35-4475-475d-bc48-2e77bf3edfce. Acesso em: 30 jan. 2024.

SCHWARZINGER, C. B. de A. **O desenho animado como brincadeira e brinquedo na Educação Infantil**. 2019. 249f. Tese (Doutorado em Educação, Arte e História da Cultura) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2019. Disponível em: https://dspace.mackenzie.br/items/200d00a0-c766-4830-b187-9cc34b6196e6. Acesso em: 18 jan. 2024.

SANTANA, A. M.; FERREIRA, L. G. A TV e a educação: um estudo sobre a influência dos desenhos animados nos valores morais da criança. **Cadernos da Pedagogia**, São Carlos, ano 9, v. 9, n. 17, p. 2-18, jul./dez. 2015. Disponível em: https://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/view/801. Acesso em: 30 jan. 2024.

SANTAELLA, L. **Comunicação e semiótica**. São Paulo: Hacker, 2004.

SANTOS, J. do C. A. **Construção de sentidos sobre tecnologias em desenhos animados**. 2022. 56f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Linguística Aplicada e Ensino de Línguas Estrangeiras) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2022. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/69118. Acesso em: 17 maio 2025.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (coords.). **Crianças e miúdos**: perspectivas sociopedagógicas sobre infância e educação. Porto: Asa, 2004.

SARTORI, A. S.; SOUZA, K. R. de. Estilos de aprendizagem e a prática pedagógica educomunicativa na educação infantil: contribuições do desenho animado para a aprendizagem das crianças contemporâneas. **Estilos de Aprendizagem**, Florianópolis, n. 10, p. 30-37, 2012. 2023. DOI: https://doi.org/10.55777/rea.v5i10.958.

SILVA JÚNIOR, A. da; TREVISOL, M. T. C. Os desenhos animados como ferramenta pedagógica para o desenvolvimento da moralidade. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009, Curitiba. **Anais...** Curitiba: PUCPR, 2009. p. 5043-5054. Disponível em: https://observatoriodeeducacao.institutounibanco.org.br/cedoc/detalhe/ix-congresso-nacional-de-educacao-educere-e-iii-encontro-sul-brasileiro-de-psicopedagogia,0cf21c99-f7cb-4735-a53b-f2ac8c03d6b1. Acesso em: 17 maio 2025.

SOARES, I. de O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação – contribuições paras a reforma do ensino médio. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, S. S. (auto)biográficas, memória e docência. **Cadernos Cajuína**, Teresina, v. 4, n. 1, p. 8-21, 2019a. DOI: https://doi.org/10.52641/cadcaj.v4i1.263’

SOARES, S. S. **Narrativas de si**: trajetórias formativas de professores formadores iniciantes no ensino superior. 2019. 354f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de

ISSN 2525-8222
DOI: http://dx.doi.org/10.33361/RPQ.2025.v.13.n.35.1180

Uberlândia, Uberlândia, 2019b. Disponível em: https://repositorio.ufu.br/handle/123456789/24741. Acesso em: 17 maio 2025.

SOARES, S. S.; GUIMARAES, S. Memória, identidade e docência: recordações-referência de professores iniciantes na educação superior. **Educ. Rev.**, Curitiba, v. 37, e75550, 2021c. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602021000100212. Acesso em: 17 maio 2025.

SOUZA, E. C. de; MEIRELES, M. M. de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. **Educação e Cultura Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 39, p. 282-303, 2018. DOI: https://doi.org/10.5935/2238-1279.20180034

SOUZA, E. C. de. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico-metodológicas sobre história de vida em formação. **Educação em Questão**, Natal, v. 25, n. 11, p. 22-39, jan./abr. 2006. Disponível em: https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8285. Acesso em: 30 jan. 2024.

SOUZA, K. R. de; SARTORI, A. S. Educomunicação e desenhos animados: reflexões sobre a construção do conceito de prática pedagógica educomunicativa desde a Educação Infantil. **Humanitaris**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 92-109, 2013. Disponível em: https://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/revistahumanitaris/article/view/6. Acesso em: 14 maio 2024.

Recebido em: 31 de janeiro de 2025

Aceito em: 24 de maio de 2025